

MUSEUS, ETNOGRAFIA E ANTROPOLOGIA

—

Xerardo Pereiro

Esta é a crónica de un seminario que teve lugar en Santiago de Compostela (Museu do Povo Galego) e Vigo (Museu Olimpio Liste) – Galiza - España, de 28 a 30 de setembro de 2017 e que reuniu especialistas galegos, espanhóis e portugueses para refletir sobre o papel dos museus antropológicos nas sociedades contemporáneas. O evento foi organizado polo Museo do Povo Galego (Santiago de Compostela), para celebrar os seus 40 anos de existencia (cf. <http://www.museo-dopobo.gal/web/index.php>). O programa esteve organizado polos museólogos Felipe Arias Vilas, Xosé Carlos Sierra Rodríguez, Esperanza Delgado Rosende e María Xosé Fernández Cerviño, quem estruturou o evento en tres días e cinco “relatórios”. Cada relatório integrou una conferencia de un especialista e una mesa redonda - debate, ambos com abertura de debate aos participantes.

O primeiro relatório foi ministrado por Xavier Roigé (Universidade de Barcelona), antropólogo especialista em museus e patrimonio cultural, que falou das novas conceções dos museus etnográficos. Com uma longa trajetória de investigação sobre museus antropológicos, o orador falou das velhas e novas mundivi-

dências condensadas nos museus etnográficos. Do velho museu do romanticismo, dedicado a apresentar as culturas populares locais e nacionais com destaque para o rural, passando pelo museu colonial que representava as culturas “exóticas”, e a nova museologia e ecomuseus dos anos 1970 e 1980, os museus etnográficos afrontam hoje desafios para um futuro incerto. Sem o apoio anterior das autoridades políticas e do público, alguns continuam a ser museus do passado e não dos problemas e interesses do presente. Eles parecem, por um lado, estar em crise, incapazes de renovar os seus conteúdos, com falta de meios e de novos discursos. Mas por outro, em diferentes países têm surgido propostas de museus etnográficos renovados e outras de reinvenção de objetivos, conceitos, conteúdos, formas de comunicação e discursos, construindo assim novos modelos de museus etnográficos (exs. Museus de Civilização do Canadá, o Quai Branly em Paris, ou Musée d’Ethnographie de Neuchatel). Estas iniciativas estão a marcar caminhos de renovação do arcaísmo, de atração de novos públicos, de criar espelhos poliédricos sobre os problemas contemporâneos, de incorporar o industrial e o urbano no etnológico-antropológico e, em jeito de sumário, de converter-se em museus de sociedade interdisciplinares, isto é, em instituições culturais para a dinamização social e económica da contemporaneidade.

De seguida, nesta conferência, celebrou-se uma mesa redonda moderada pelo antropólogo Manuel Vilar (Museu do Povo Galego), na qual participaram Cesar Llana (Diretor do Museu Etnológico de Ribadavia-Ourense-Galiza), Elena Freire (Universidade de Santiago de Compostela) e Lino Lema (Museu do Povo Galego). O debate centrou-se nas dificuldades de renovação dos velhos museus de antropologia, algo que tinha sido abordado anteriormente por Xavier Roigé, apontando às visões que desde a Galiza se tem do problema desta instituição e laboratório de representação cultural. A Galiza, comunidade autónoma que pertence ao estado espanhol, habitada por cerca de três milhões de pessoas, apresenta uma alargada rede de museus locais e etnográficos espalhados pelos seus 314 municípios (cf. Pereiro e Vilar, 2003; Pereiro e Vilar, 2008; Sierra Rodríguez, 2015).

O segundo relatório contou com a conferência do antropólogo basco Iñaki Arrieta (Universidade do País Basco), especialista em antropologia dos museus. A sua intervenção focou o papel dos museus locais neste início do século XXI, que respondem segundo ele à criação de identidades culturais locais e regionais e também a uma necessidade de conectar-se com o mundo. Segundo este antropólogo, património cultural, território e comunidade local continuam a ser importantes nos museus etnográficos locais, mas com as mudanças socioculturais e económicas, os sentidos desses três conceitos já não são os mesmos, devido em parte aos processos de globalização. A sua proposta de reflexão-ação para eles é a ideia de trabalhar em rede, renovar temas e objetivos, e atrair novos públicos.

A posterior mesa redonda abordou a situación dos museus etnográficos locais na Galiza, e esteve moderada polo arqueólogo Felipe Arias Vilas (ex-diretor do Museo do Castro de Viladonga – Lugo – Galiza e ex-diretor Geral do Patrimonio Cultural da Junta da Galiza –governo autónomo galego-). Na mesa participaron Secundino García Mera (Museu da Capela – As Neves), Xosé Manuel Muñoz Rey (Museu da Terra de Melide), Xoán Xosé Molina Vázquez (Museo Comarcal da Fonsagrada), André Taboada Casteleiro (Museu da Límia – Vilar de Santos). Em primeiro lugar foram apresentadas as biografias e experiências destes museus locais e o posterior debate apontou problemas de financiamento e de despovoamento das zonas rurais para sustentar os museus e as comunidades envolventes. A desestruturación social e económica de muitas destas zonas é refletida pela situación destes próprios museus, que apresentam dificuldades para se converterem em dinamizadores comunitários, mas que ainda assim resistem e são resilientes em contextos de mudança e adaptación difícil.

No dia seguinte, o evento continuou no Museo do Povo Galego e iniciou-se com um terceiro “relatório” e uma mesa de debate. O relatório foi ministrado pela antropóloga e professora da Universidade de Vigo, Fátima Braña Rey, que falou sobre as identidades de género, classe, etnia e outras identidades alternativas nos museus etnográficos. Enquanto espelho da sociedade, o museu etnográfico tem o desafio de mostrar a diversidade identitária e não apenas uma única versão das identidades. Esta pluralidade de identidades sociais e culturais converte o museu etnográfico num museu polifónico e integrador, multi e intercultural, mais além do etnocentrismo e do tempocentrismo.

A posterior mesa de debate foi moderada pelo antropólogo e museólogo, Xosé Carlos Sierra Rodríguez (ex-diretor do Museo Etnológico de Ribadavia – Ourense), um dos “faróis” da museologia antropológica na Península Ibérica. Falaram nesta mesa Marián Mariño Costales (antropóloga do Conselho da Cultura Galega), Encarna Lago González (diretora da Rede Museológica da Província de Lugo), Rosa Lamas Casado (técnica do Museo Etnológico de Ribadavia) e Pilar Iglesias Armada (Museu Arqueológico Provincial de Ourense). O debate focou a incorporação das representações de género nos museus e o museu como um instrumento que confere visibilidade aos papéis sociais da mulher nas sociedades atuais.

Posteriormente, o quarto relatório foi introduzido com uma conferência de Teresa Soeiro (museóloga da Universidade do Porto) sobre Portugal e a sua tradição etnomuseológica. Na sua intervenção fez um apanhado da evolução histórica da museologia em Portugal que segundo ela pode ser organizada em cinco etapas. A primeira etapa é a das primeiras coleções museológicas, ligadas aos Descobrimentos. A segunda é a das etnografias do império (ex. Alexandre Rodrigues Ferreira e a sua viagem filosófica pelas capitánias do Grão Pará - 1783-

1792) e a da primeira lei de património cultural (Alvará do Rei João V de 29-08-1721), que se traduziu em museus como os de história natural (1775) e o de etnografia (1881) da Universidade de Coimbra, e que culminou na exposição colonial do Porto em 1934.

A terceira etapa redefine o museu para a educação do povo e a construção da nação, com primórdios em tempos do liberalismo e do romantismo, e que objetivou o Museu Portuense (1833), primeiro museu público em Portugal, situado no Convento de Santo António. Este museu para o povo e não do povo viu-se complementado por outros como o Museu Comercial e Industrial (1886-1899), o Museu de Etnografia Portuguesa (1893), promovido este último pelo etnógrafo José Leite de Vasconcelos. Uma quarta etapa museológica, já no século XX, teria como base uma etnografia e museografia do regionalismo, a política do espírito nacional e a representação do povo. Os museus tornaram-se menos elitistas que os anteriores e a etnografia teve no museu um espaço de comunicação muito importante (ex. Museu Nacional de Etnologia, desde 1962 em Lisboa, antes Museu Nacional de Etnologia de Ultramar), no qual as identidades não deixam de apresentar definições controversas e polémicas da identidade portuguesa: a identidade do povo, o fado, o rural, o urbano, o industrial.

E numa quinta etapa, pós-revolução do 25 de Abril de 1974, os museus democratizaram-se e institucionalizam-se em pleno, entrando com força a ecomuseologia, a museologia industrial, o MINOM (Movimento Internacional da Nova Museologia) e criando-se a RPM (Rede Portuguesa de Museus). Temos hoje em Portugal à volta de 1500 museus, muitos dos quais são museus etnográficos locais que alimentam um turismo de nostalgia que mistura tudo e elabora um discurso estereotipado sobre o equilíbrio funcionalista e a paz entre os camponeses portugueses.

A seguir a esta conferência produziu-se uma mesa redonda coordenada pelo antropólogo Xerardo Pereiro (Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro – UTAD, Vila Real – Portugal), na qual participaram Deolinda Veloso Carneiro (diretora do Museu da Póvoa de Varzim), Francisco Calo Lourido (antropólogo do Museu do Povo Galego) e Luísa Márquez (educadora do projeto Atlântico – UNESCO). Deolinda Carneiro frisou que “temos consciência do que é ser galego... sabemos o que é a Galiza” e apresentou a história do museu da Póvoa de Varzim e do seu envolvente. O museu foi apresentado como um constructo de identidade local e regional, como um relicário que produz orgulho nos seus habitantes, e um instrumento de dinamização e animação sociocultural, educação patrimonial e comunicação. Deolinda Carneiro também apontou a necessidade do museu etnográfico ser um centro de investigação, de recolha, de depoimentos, de construção da memória dos velhos.

De seguida, Francisco Calo Lourido, antropólogo e historiador especialista

no mundo do mar, apontou as semelhanças e diferenças entre a museologia portuguesa e galega, a primeira numa nação com Estado, a segunda numa nação periférica sem Estado. O que ele definiu como febre museológica chegou mais tarde à Galiza no seu entender. Além mais, definiu o museu como uma exposição, como um romance e um relato que é preciso saber contar e narrar. Depois desta intervenção, Luísa Márquez explicou o projeto Atlântico da UNESCO, em prol da educação dos direitos humanos, a diversidade, a identidade atlântica e o pensamento crítico com base em intercâmbios socioculturais. O posterior debate girou à volta do papel dos etnógrafos, professores e eruditos locais na invenção de museus e identidades locais, no seu papel de representantes das vozes do povo. Comprovamos nesta mesa, como muitos museus locais da Galiza e do Norte de Portugal ainda estão presos ao objeto material, da exposição permanente e da coleção, e também de uma narrativa única da cultura.

O último dia do evento decorreu no Museu Olimpo Liste da cidade galega de Vigo e começou o dia com uma magnífica conferência da professora Roser Calaf Masachs (Universidade de Oviedo). Especialista em educação patrimonial e museológica, fez uma crítica aos museus que apresentam objetos sem o seu contexto de referência, descontextualizados e com *horror vacui*. Em seguida, focou a sua intervenção na importância do envolvimento e educação dos visitantes, através da análise de casos de estudo como o Museu de História de Montreal, que utiliza as novas tecnologias da informação e comunicação como recursos didáticos para atrair os jovens para o museu. Também analisou outros museus considerados bons exemplos de educação patrimonial como o “Museu de la cultura del Mon” (Barcelona), o Museu Picasso (Barcelona), o “Museu de història da migració de Catalunya”, ou o Museu da civilização do Quebeque (Canadá). Muitos deles apresentam diferentes tipos de visitas, desde audioguias até visitas à lista e adaptadas aos visitantes. Na última parte da sua intervenção referiu a importância de ter avaliações mais qualitativas dos museus que integrassem itens como os objetivos, a gestão, os métodos, os conteúdos, as tecnologias, a comunicação e a educação.

Seguidamente teve lugar uma mesa de debate moderada pela investigadora Begoña Bas López (professora na Universidade da Corunha) e na que participaram José Antonio Quiroga (Ecomuseu do Pazo de Arxeriz – O Saviñao – Lugo – Galiza), Isolina Rodríguez López (Palhoça Museu de Piornedo dos Ancares – Lugo – Galiza), Covadonga López de Prado Nistal (Museu Massó de Bueu – Galiza) e Victoria Vázquez López (Museu da Fundação Olimpo Liste – Vigo – Galiza). A mesa serviu como intercâmbio de experiências à volta do museu enquanto instrumento educativo dos visitantes. Foram debatidos a identificação ou desidentificação dos visitantes com os museus etnográficos, os afetos e desa-fetos dos locais e visitantes com os museus. Durante esta mesa comprovámos o

desfasamento entre a reflexión teórica e as experiencias de educación museológica apresentadas pela anterior palestrante e os museus e experiencias expostas nesta mesa. Com uma notável falta de autocritica e de profundidade na reflexión sobre a sua prática patrimonial e museológica, grande parte da museologia antropológica galega, com exceções assinaláveis como o Museu Etnológico de Ribadavia, o Museu da Límia e outros, vive ancorada num arcaísmo periférico que não é capaz de converter-se em dinamizador das suas comunidades, atualizar o seu discurso e incorporar os trabalhos dos antropólogos contemporâneos. Por outro lado, os próprios museólogos ignoram as novas antropologias e os trabalhos dos antropólogos que trabalham em e sobre os museus etnográficos galegos (cf. Pereira e Vilar, 2003; Pereira, 2003; Pereira e Sierra, 2005; Pereira, 2006a; Pereira, 2006b; Pereira, 2006c; Pereira e Vilar, 2008; Pereira e Prado, 2008; Pereira, 2009; Pereira, 2012a; Pereira, 2012b; Pereira e De León, 2012; Sierra Rodríguez, 2015). O evento encerrou com uma visita ao Museu Olimpio Liste de Vigo e uma homenagem ao seu fundador.

AGRADECIMENTOS

Muito agradeço ao Museu do Povo Galego o convite para participar no seminário “Museus, etnografía e antropología”. Também agradeço a Carlos Gomes (CETRAD-UTAD) a revisão atenta e pormenorizada do texto.

PT: Este trabalho é financiado por: Fundos Europeus Estruturais e de Investimento, na sua componente FEDER, através do Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (COMPETE 2020) [Projeto nº 006971 (UID/SOC/04011); Referência do Financiamento: PO-CI-01-0145-FEDER-006971]; e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do projeto UID/SOC/04011/2013.

“Este trabalho enquadra-se no projeto de I&D “Património cultural da Euro-região Galiza-Norte de Portugal: Valorização e Inovação. GEOARPAD” Programa operativo EP - INTERREG V A Espanha Portugal (POCTEP). Convocatória 1, Identificador 769- GEOARPAD (0358_GEOARPAD_1_E), financiado pelo Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional (FEDER) através do Programa de Cooperação INTERREG V-A Espanha-Portugal 2014-2020 (POCTEP)

BIBLIOGRAFIA

PEREIRO, X. e VILAR, M. Autoimágenes y heteroimágenes en los museos etnográficos gallegos. In *LA IMAGEN DEL OTRO EN EL MUSEO. ACTAS DEL IX CONGRESO DE ANTROPOLOGÍA DE LA FAAEE*, Barcelona, 4-7 de setembro de 2002, CD-ROM. Barcelona: Instituto Catalão de Antropología (ICA) - FAAEE, 2003, sem paginar.

PEREIRO PÉREZ, X. Patrimonialização e transformação das identidades culturais. In PORTELA, J. e CASTRO CALDAS, J. (coords.). Portugal Chão. Oeiras: Celta editora, 2003, p. 231-247. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/5559>

PEREIRO, X. e SIERRA, X. C. Patrimonio cultural: politizaciones y mercantilizaciones. In PEREIRO, X. e SIERRA, X. C. (coords.). Patrimonio Cultural: Politizaciones y mercantilizaciones. Sevilla: Federación de Asociaciones de Antropología del Estado Español (FAAEE) – Fundación El Monte, 2005, p. 9-23. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/5562>

PEREIRO, X. Património cultural: o casamento entre património e cultura. *ADRA Revista dos sócios do Museu do Povo Galego*, Santiago de Compostela, nº 1, p. 23-41, 2006a. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/4698>

PEREIRO, X. Ecomuseums, cultural heritage, development and cultural tourism in the North of Portugal. In RICHARDS, G. (coord.). *Cultural Tourism: Globalising the local – localising the global*. New York: Haworth Press, 2006b, p. 195-213. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/5611>

PEREIRO, X. Património cultural y riesgos socioculturales. *Anuario Etnológico de Andalucía 2002-2003*, Sevilla, pp. 419-432, 2006c. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/4700>

PEREIRO, X. e VILAR, M. Ethnographic Museums and essentialist representations of Galician identity. *International Journal of Iberian Studies*, Londres, vol. 21, nº 2, p. 87-108, 2008. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1386/ijis.21.2.87_1 e em <http://hdl.handle.net/10348/4703>

PEREIRO, X. e PRADO, S. Introducción. In PEREIRO, X., PRADO, S. TAKENAKA, H. (coords.), *Patrimonios Culturales: Educación e Interpretación. Cruzando límites y produciendo alternativas*. Donostia (San Sebastián): Ankulegui (Associação Basca de Antropología), pp. 2-17, 2008. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/5614>

PEREIRO, X. A lexislación do patrimonio etno-antropolóxico na Galiza: unha vision antropolóxica. In FIDALGO SANTAMARIÑA, X.A.; CID, X. M. et al.(coords.). *Patrimonio Etnográfico Galego II*. Ourense: Deputación Provincial de Ourense, p. 9-14, 2009. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/5623>

PEREIRO, X. Antropología, memoria social e historia. *Revista ETNICEX*, Cáceres, nº 3, p. 65-79, 2012^a. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/4707>

PEREIRO, X. La concepción del patrimonio etnoantropológico en Galicia: visiones legales y prácticas institucionales. *Revista Andaluza de Antropología*, Sevilla, nº 2, p. 1-19, 2012b. Disponível em <http://www.revistaandaluzadeantropologia.org/uploads/raa/n2/xpereiro.pdf> e em <http://hdl.handle.net/10348/4708>

PEREIRO, X. e DE LEÓN, C. Museos, representaciones glococales de la cultura guna

y turismo. *Revista Tareas*, Panamá, nº 141, pp. 75-95, 2012. Disponível em <http://hdl.handle.net/10348/4710>

SIERRA RODRÍGUEZ, X. C. Imágenes y representaciones culturales en los museos de Galicia. *Revista Andaluza de Antropología*, Sevilla, nº 9, pp. 16-51, 2015. Disponível em <http://www.revistaandaluzadeantropologia.org/uploads/raa/n9/sierra.pdf>